

# Vergara



## a dimensão gráfica



Sem título; série: 5 problemas 5 estampas; 1967; serigrafia sobre papel; tiragem: 200; 46,5 x 31,3 cm; coleção Mônica e George Kornis

No alto: Sem título; série: Anotações sobre o carnaval; 1980; serigrafia sobre papel; tiragem: 15; 23,5 x 30 cm

Um balanço do que foi 2009 no setor de exposição e eventos de artes revela que o ano apresentou mostras de grande importância para a vida cultural da cidade. Em especial no circuito do Centro do Rio. por **Orlando Santos**

DIANTE DE UMA INTENSA e rica programação, é fácil destacar aqueles locais que acolheram grandes mostras – e algumas retrospectivas –, como os 60 anos de carreira do pintor/escultor Abelardo da Hora, no Centro Cultural Banco do Brasil, e a impactante exposição de Bandeira de Mello, na Caixa Cultural.

Já o Museu Nacional de Belas Artes apresentou Marc Chagall, com algumas composições até então nunca exibidas no Brasil, e o Centro Cultural dos Correios, depois de um calendário diversificado, terminou o ano exibindo quatro exposições dentro do 2º Festival Internacional de Humor – uma delas dedicada a Fortuna, o Cartunista dos Cartunistas.

Para encerrar um ano tão rico, o Museu de Arte Moderna exhibe, até março de 2010, a mostra *Carlos Vergara: A dimensão gráfica* –

uma outra energia silenciosa, que registra os quase 50 anos de carreira do artista.

São mais de 200 trabalhos realizados por Vergara, dos anos 1960 até hoje, nos quais a linguagem gráfica é o fio condutor. No segundo andar do MAM, duas obras se destacam: a enorme instalação de 1992, feita para a Capela do Morumbi, em São Paulo, e o painel desenhado, de 20 metros de comprimento, apresentado na Bienal de Veneza de 1980. Nenhum dos dois havia sido apresentado até hoje no Rio.

Embora causem grande impacto em quem chega, os críticos são unânimes em afirmar que a riqueza da obra gráfica de Vergara revela-se mesmo é na variedade de suportes e no diálogo sugerido entre imagens em 3D, gravuras, fotos e desenhos, expostos também no segundo andar.

### Multilinguagem

A exposição tem curadoria do colecionador George Kornis, que por mais de um ano pesquisou os arquivos do ateliê do artista, com intuito de reunir os trabalhos produzidos por Carlos Vergara que tornassem visível ao público a linguagem gráfica que perpassa sua produção há quase 50 anos.

Kornis destaca que a produção de Vergara se expressa por diversas linguagens e que esta exposição no MAM pretende dar visibilidade à linguagem gráfica, presente em toda a sua trajetória, de diversas maneiras: monotípias, gravuras, desenhos, 3D, fotografias, filmes.

“Vergara não é somente um pintor; como ele costuma ser apresentado”, diz Kornis. “Sempre me incomodou que, na boa e vasta

bibliografia sobre ele, haja uma fixação em torno de sua obra pictórica.”

Ele observa ainda que é comum, na trajetória de Vergara, que um trabalho migre para vários outros suportes: “uma fotografia pode se desenvolver em uma serigrafia, que por sua vez poderá mais tarde se tornar pintura. Esta é uma grande alquimia dele”, afirma.

## Campo visual

Para contornar a disparidade de escalas entre pequenos desenhos dos anos 1960, “como era comum naquela época”, das obras monumentais dos anos 1980 até agora, o curador reuniu em “vitrines verticais” os trabalhos menores, para “criar um campo visual” e permitir que os trabalhos de pequeno formato possam enfrentar os de grandes dimensões. “É preciso que o público se detenha diante das pequenas obras, que dê um pouco de tempo a elas”, afirma Kornis.

A exposição não tem um critério cronológico, mas para organizar o espaço, a curadoria optou por delinear quatro grandes núcleos de observação, organizados em torno de temas presentes na produção de Vergara – indivíduo e coletividade; espaço e tempo; cor e forma –, além dos diversos materiais, suportes e processos utilizados pelo artista.

Entretanto, George Kornis avisa que esse critério não será explícito por módulos ou outras marcações. “Foi, na verdade, uma forma de organizar o pensamento.”

**INDIVÍDUO E COLETIVIDADE** – Dentro deste núcleo de observação, estão, entre outras, obras das séries dedicadas ao carnaval, “um tema caro ao Vergara”. Para Kornis, tão importante quanto os desenhos e gravuras já consagrados são as camisetas e fantasias desenhadas

### Energia silenciosa

O curador conta que o título da mostra surgiu da lembrança da exposição *Silent Energy*, realizada em 1993 no Museu de Arte Moderna de Oxford, na Inglaterra, que revelou ao mundo a arte contemporânea chinesa. “Ao estarmos diante de uma obra de arte, há uma



Sem título; série: Carnaval; sem data; serigrafia s/ papel; 49 x 60 cm

pelo artista para os blocos de carnaval Cacique de Ramos e Simpatia é Quase Amor. O grande painel de desenhos para a Bienal de Veneza e um amplo conjunto de máscaras estão dentro dessa ideia.

**ESPAÇO E TEMPO** – Dentre essas obras estão desenhos, como ensaios, nunca mostrados, de autorretratos do artista. “Desenho é muito simples: você experimenta muito. A ideia de croquis, sua leveza, permanece no trabalho até o final, ainda que você mude de suporte. Guarda o frescor da anotação”, diz Carlos Vergara.

**COR E FORMA** – Dentro deste núcleo de observação estão um conjunto de litografias, serigrafias, monotípias e desenhos estruturados em torno de questões cromáticas e formais.

**MATERIAIS, SUPORTES E PROCESSO** – Este grupo de trabalhos apresenta algumas pesquisas de Vergara com diversos materiais, suportes e processos de produção visual.

percepção, uma energia transformadora, que opera em silêncio”, observa. “Esses trabalhos não são tonitruantes como os demais, são silenciosos”. George Kornis ressalta que não se trata de uma retrospectiva, embora haja “um olhar que atravessa toda a sua produção.”

Segundo Vergara, a exposição se reveste de um caráter particularmente interessante: a curadoria de um colecionador que o acompanha desde sempre. “Para o artista, e também para o público, é especial acompanhar esse olhar, que reflete o método sistemático e obsessivo de um colecionador dedicado que me acompanha desde o começo”, diz ele.

Kornis concorda que usou o “critério exato” que aplicou em sua coleção: “o de elos, ligações entre os trabalhos”. Ele compara essa ligação entre as obras à escolha de um roteiro musical de um show ou a sequência de músicas que, espontaneamente, surgem em uma roda de instrumentistas.

As cerca de 200 obras são provenientes do ateliê do artista e de coleções privadas, como a de Gilberto Chateaubriand e do próprio George Kornis, além de outros acervos. Para se chegar a esse universo, o curador pesqui-



**No alto:** Sem título; série: Carnaval; Dez 1970/2009; montagem de fotos em metacrilato; 60 x 180 cm

**Ao lado:** Muro Mole; 1994; monotípia sobre tecido de poliéster; 240 x 210 cm  
Coleção do Artista, Rio de Janeiro

sou por mais de um ano o Acervo Carlos Vergara. “O acervo está muito bem organizado. Então foi possível visualizar, em toda sua extensão, as múltiplas linguagens e os interesses que atravessam sua trajetória.”

Poucos dias depois de ver sua exposição no MAM aparecer encabeçando a lista de recomendações de jornais e revistas semanais, o gaúcho Vergara, em

depoimento no Museu da Imagem e do Som (MIS), na série Depoimentos para a Posteridade, lembrou que desde pequeno gostava de desenhar, mas até os 20 e poucos anos sua atividade principal era a de jogador profissional de vôlei. Isso foi o suficiente para alguém afirmar que o vôlei tinha perdido um grande artista. Melhor assim. As artes plásticas brasileira agradecem. ■

## Carlos Vergara: A dimensão gráfica – uma outra energia silenciosa

Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro  
13 de novembro de 2009 a 14 de março de 2010  
De terça a sexta, das 12h às 18h  
Sábado, domingo e feriado, das 12 às 19h  
Amigos do MAM e crianças até 12 anos: entrada gratuita  
Endereço: avenida Infante Dom Henrique, 85  
Parque do Flamengo  
Telefone: (21) 2240 4944  
www.mamrio.com.br



Foto: Bia Cardoso